



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do
Património de Caceia
Divisão de Cultura e Educação /
Subdivisão de Cultura e Património

NOTA DE EDIÇÃO:

O Tomilho chega à sua 50ª edição e como tal contamos com uma nota de abertura do Vereador da Cultura do Município Fernando Horta, bem como os testemunhos de 6 leitores assíduos desta publicação bimensal do CIIPC. A rubrica *Aconteceu...* informa sobre as oficinas realizadas em Janeiro e Fevereiro e as actividades desenvolvidas com os mais novos, no âmbito da oferta educativa concelhia.

Nesta edição as *Memórias e Saberes* recordam como era a imprensa há 100 anos atrás no concelho de Vila Real de Santo António. Sendo uma edição especial, publicamos o índice de "O Tomilho" desde a sua origem, 2015, por rubricas: *Arqueologia e História, Memórias e Saberes - Fotografias Antigas e Objecto com História.*

Neste tempo em que as ervilhas começam a estar prontas para serem colhidas, Maria Suzel Bento conta-nos como faz os seus griseús com ovos.

A rubrica *Está a acontecer...* é dedicada à nova exposição que está patente no CIIPC "*Mulheres da minha Aldeia. Vidas com três quartos de século*".

Para finalizar, damos conhecimento da agenda de actividades para Março e Abril.

Boas leituras e até ... Maio!

NESTA EDIÇÃO:

| | |
|----------------------------|----|
| Nota de abertura | 1 |
| Testemunhos | 2 |
| Aconteceu... | 4 |
| Oferta educativa | 5 |
| Memórias e Saberes - A im- | 6 |
| Índice por rubricas | 10 |
| Receita | 13 |
| A acontecer... | 14 |
| Vai acontecer... | 16 |

O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL
NÚMERO 50

MARÇO /
ABRIL
2024



SANTA RITA

Nota de abertura

No seio da nossa encantadora aldeia de Santa Rita, emerge bem no seu epicentro um vigoroso arbusto de tomilho, que nos condimenta com uma generosa pitada de felicidade as nossas vidas. O envolvente perfume deste tomilho, está entranhado na história e nas estórias dos nossos antepassados e das nossas gentes. Este tomilho está nas mãos que colhem o trigo, que apanham as azeitonas, que deservam os nossos griseús, nas mãos que podam as nossas laranjeiras, que enxertam as nossas videiras, nas mãos que alimentam os bichos! Este tomilho que inspira as mãos que moldam as nossas cerâmicas, que remendam as nossas roupas, que constroem as nossas casas, que entrelaçam a arte da nossa cestaria. Este tomilho está no nosso vinho, está no nosso pão, está no nosso azeite. Este nosso tomilho cai nas nossas lágrimas, pula nas alegrias e conforta-nos nas tristezas. Este tomilho está nas nossas convivalidades, vivências e partilhas. Este tomilho de elevado potencial farmacológico cura as nossas doenças, alimenta-nos! Este tomilho, este nosso tomilho, criado por valorosas artesãs do conhecimento, na nossa escola, da nossa linda aldeia de Santa Rita, cuidado e partilhado por toda uma comunidade, não é meu, nem teu, é nosso! Somos nós!, Vivamo-lo, Defendamo-lo, por muitos anos, valorizando, partilhando e difundindo o seu valor!

Fernando Horta, Vereador do Pelouro da Cultura do Município de Vila Real de Santo António



“O Tomilho” nas palavras de alguns leitores

O Tomilho recorda-nos e ajuda a descobrir o nosso património cultural, histórico e arquitectónico próximo, é uma mais valia para a população local. Com ele recordamos histórias familiares que influenciaram o concelho e a freguesia ao longo dos anos.

Estão de parabéns todos os envolvidos neste processo e que tornam possível a sua publicação, continuem.

(Ana Cristina Justo Martins, Santa Rita)

Recebo um jornalinho bimensalmente
Que alguém me põe na caixa do correio
Que me ensina, relembra e informa exatamente
Quando tenho tempo, paro e leio.

Quero agradecer a toda a gente
que com ele trabalha e sem receio
investiga, pergunta e escreve intensamente
para que ele chegue, qualquer que seja o meio.

É com satisfação que compartilho
A opinião sobre deste jornal que já é nosso
A quem deram o aromático nome Tomilho.

Espero continuar a recebê-lo
A colaborar com ele sempre que posso
Para que por mais 50 edições possamos lê-lo.

(João Sol, Santa Rita)



As três tomilhinhas de Santa Rita

Sempre gostei de Hipócrates por defender que as causas para uma boa saúde consistem em comer com moderação e trabalhar com cuidado. A última recomendação (trabalhar com cuidado) serve-me apaixonadamente. Quanto a comer com moderação, enfim, não sou discípulo.

Naturalmente, tomei chá de tomilho em pequeno. Era o melhor para as dores de garganta, diziam. Anos mais tarde, troquei o chá de tomilho por outras bebidas licorosas e o resultado sou eu.

Devia beber em parcimónia, aconselhavam. No entanto, enchiam-me de sopas com tomilho e comecei a substituí-lo por orégãos, cominhos e até cardamomo.

Curiosamente, à casa dos tomilhos chama-se tomilhal. É cómica a expressão mas vim a descobrir que na cura das azeitonas se usava uma erva de cheiro agradável com o nome de Tomilhinha. Pelo menos, em Trás-os-Montes.

E quem diria que passados tantos anos, eu, agora, sou leitor fervoroso de uma revista que se chama “O Tomilho” publicada pelo Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela!

Pedem-mo, assim, um cestinho de palavras para a próxima edição. Com gosto o faço. Mais a mais, “O Tomilho” é escrito, entre outros, por 3 amigas minhas: a Catarina, a Susana e a Patrícia.

Desta sorte, são as minhas três tomilhinhas de Santa Rita.

O abraço comovido a elas.

(Carlos Mota de Oliveira, Sitio das Laranjeiras)

AS PESSOAS E O TERRITÓRIO

Um dia compreenderemos que aquilo que somos é o resultado da interacção das pessoas com o território. Ou seja, que uma geração, ou uma civilização (alguns com surpresa o descobrirão, outros com sobressalto), é o resultado da Paisagem que criou, do modo como usou a água e os solos, como ergueu muros ou construiu cidades, como escolheu entre sustentabilidade e crescimento, entre equilíbrio e desigualdade.

Um dia o compreenderemos. Mas «O Tomilho», que agora chega às cinquenta edições, o sabe por antecipação. E por isso, de dois em dois meses, aí o temos a trazer-nos, fragmento a fragmento, a memória do que somos e as pistas para o que podemos ser.

É muito, é pouco? É apenas mais um milagre de que ficamos devedores ao Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela e a esse trabalho minucioso, raro, de ligar as pessoas e o território, os mais velhos e os mais novos, o passado e as memórias que ajudem a construir o futuro.

Parabéns!

(José Carlos Barros, Vila Nova de Cacela)

A divulgação que o Ciip Cacela faz através do seu jornal O TOMILHO, apresenta o resultado de um trabalho dedicado à comunidade, dando voz aos vários aspectos culturais a que se propõe e já vai para 8 anos de existência.

Continuação de um bom trabalho, parabéns e VIVA O TOMILHO

(Teresa Patrício, Cacela Velha)



TOMILHO

Chama-se Tomilho

É feito com dedicação

Traz-nos sempre notícias

Dos tempos que já lá vão.

Ao nosso jornal “O Tomilho”

Estas palavras vou dedicar

É jornal dos nossos costumes

Para os antigos e novos lembrar.

Do passado e do presente

Tudo aqui é recordado

São recordações que nos agradam

Do tempo bem passado.

Coisas por nós já passadas

Das pescas à agricultura

Dos cozinhados e outras coisas

Tudo serve de cultura.

Entrevistas de boa gente

Que nos contam coisas do passado

São muitas e boas lembranças

Tudo do nosso agrado.

Catarina, Susana e Patrícia

Têm o nosso agradecimento

São amigas do coração

A quem damos reconhecimento.

(Suzel Bento, Santa Rita)

ACONTECEU...



Oficina de mandalas de lã

Realizou-se no dia 14 de Janeiro, no CIIPC, a oficina de mandalas de lã, orientada pela artesã Susana Santos Gonçalves, onde os participantes ficaram a conhecer estes símbolos ancestrais, representações do cosmos, utilizados em várias partes do mundo e em diversas culturas, como elementos propiciadores de autoconhecimento, saúde e prosperidade.



A arte de tecer mandalas é um processo de introspecção, de manifestação criativa, concentração e equilíbrio, em que as cores e as formas ajudam à harmonização das nossas emoções.



Oficina de serigrafia

A oficina organizada pelo CIIPC no mês de Fevereiro (dia 18), foi dedicada à impressão com a técnica da serigrafia em têxtil e papel, utilizando uma matriz fotogravada e tintas biodegradáveis. Os participantes, orientados pelo artista plástico Sérgio Rocha, puderam experimentar imprimir em papel, t-shirts, sacos de pano, tecidos. As impressões foram feitas a partir de 4 matrizes com motivos alusivos à pré-histórica e megalitismo em Cacela, com o intuito de valorizar o nosso património arqueológico.



Oferta educativa

“25 de Abril sempre!”

O CIIPC iniciou a sua oferta educativa em Janeiro com o arranque do projecto educativo “25 de Abril sempre!”, em parceria com o serviço educativo da Biblioteca Municipal Vicente Campinas. Inserido nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, este projecto prevê a realização de várias actividades com 2 turmas do 4º ano da EBI Caldeira Alexandre (Vila Real de Santo António), 2 turmas do 4º ano da EBI de Monte Gordo e 2 turmas do 6º ano da EB2,3 Infante D. Fernando (Vila Nova de Cacela). Com cada turma tivemos um primeiro encontro onde se explicou o objectivo e as fases do projecto tendo-se seguido a leitura do livro “O tesouro” de Manuel Pina, a realização de ilustrações alusivas ao tema

(4ºanos) ou jogo-quiz sobre a Ditadura versus Democracia, com os alunos do 6ºano. No final da actividade desafiámos os alunos a entrevistarem familiares com mais de 60 anos que tenham vivido este período histórico, disponibilizando para tal um guião de entrevista de apoio. O projecto terminará no final do ano lectivo com uma actividade comemorativa conjunta em Vila Real de Santo António.



“Da semente ao fruto”



A partir da 2ª metade do mês de Fevereiro começámos a receber visitas de 4 turmas do ensino pré-escolar e 1ºano do 1ºciclo de várias escolas do concelho que vieram realizar a acção educativa “Da semente ao fruto”, no CIIPC, em Santa Rita.



A acção consistiu, num primeiro momento, na leitura do livro “O nabo gigante” de Aleksei Tolstoi, seguindo-se uma conversa sobre as sementes e os seus frutos.



Num 2º momento, as crianças foram desafiadas a conhecer a horta pedagógica do CIIPC e a participar nas tarefas da rega, sementeira, plantação ou colheita. Para finalizar a manhã, os alunos puseram as “mãos na terra” realizando bombas de sementes que levam para a escola e construindo pequenos viveiros de plantas hortícolas e aromáticas que serão mais tarde plantadas na horta.

Memórias e Saberes

A Imprensa local há 100 anos atrás

Nesta edição pretendemos reflectir sobre a importância que a imprensa tem tido, junto da sociedade como um meio de informar os cidadãos sobre o que se passa nas várias esferas da vida internacional, nacional, regional e local. Em particular, deteremos a nossa atenção na imprensa local de há um século atrás. Que jornais havia em Vila Real de Santo António em 1924? Sobre que assuntos publicavam? O que se passava nessa altura no concelho de acordo com os jornais da altura? E quem seriam os seus leitores?

Começamos por analisar esta última questão, os leitores de há 100 anos atrás.

Não havendo nenhum estudo sobre o assunto, sabemos que o Censo da população de Portugal publicado em Dezembro de 1920 contabilizou, no concelho de Vila Real de Santo António, a existência de 2565 “varões com mais de 20 anos” dos quais apenas 892 sabiam ler, o que significa que a taxa de analfabetismo masculino no concelho era de 65%. Sobre a população feminina alfabetizada, o censo da população não apresenta valores. Em comparação com o distrito de Faro, com uma taxa de analfabetismo masculino de 73%, era ainda assim, inferior à da região do Algarve.

Os leitores eram, portanto, um grupo restrito de pessoas, provavelmente sobretudo homens, com estudos, provenientes de famílias da elite concelhia.

Há um século atrás Portugal vivia um período de instabilidade política, social e militar pautado pelo final da Ditadura de Sidónio Pais (iniciada em 1917) e pelo início da Ditadura Militar (1926) que levou ao surgimento do Estado Novo, em 1933.

No mundo da imprensa, esta instabilidade criou espaço para *“a contínua aparição de novos periódicos e o aumento sustentado das tiragens e da circulação de jornais. A ditadura de Sidónio Pais, entre 1917 e 1918, instituiu, em decretos sucessivos (9 de Janeiro e 13 de Abril de 1918), o licenciamento prévio e a censura à imprensa, mantendo a suspensão de publicação de jornais já encerrados e a possibilidade de se suspenderem publicações por motivos vagos como o recurso a “linguagem despejada”* “ (SOUSA,J.,pg.55)

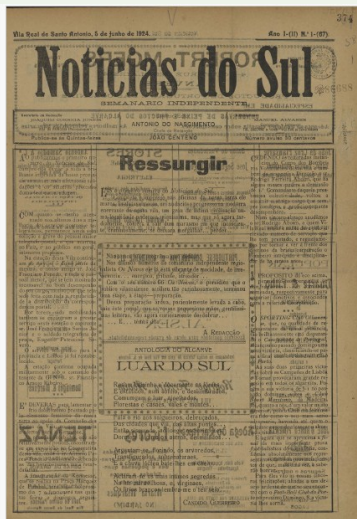
Foi portanto uma época caracterizada pelo surgimento de novos jornais sujeitos ainda assim a uma certa censura.



De acordo com as publicações disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Universidade do A, no início de ano 1924 existia localmente o periódico “Os Novos”, semanário regionalista independente iniciado a 24 de Dezembro de 1922. Tinha como administrador, Manuel Alvares, e João Centeno como editor, sendo editado em Évora.

Saía às 5ª feiras e tinha um custo avulso de 30 centavos. Contudo, o jornal apostava nas assinaturas dos leitores, uma forma de assegurar o seu público e, ao mesmo tempo, diminuir o custo aos leitores regulares.

Em Junho de 2024 passa a ser editado e impresso em Vila Real de Santo António pela tipografia Socorro e passa-se a designar “Notícias do Sul”. Sendo o administrador o mesmo, a direcção fica a cargo de António Nas-



cimento e o chefe de redacção passa a ser João Centeno. O dia da publicação e o custo mantiveram-se os mesmos.

Durante o ano de 1924 nasce o jornal “A Nossa Terra”, a 2 de Novembro, com a direcção de João Temudo e Sílvia Domingues como chefe de redacção. Era designado de jornal imparcial – independente e saía ao domingo com o custo avulso de 40 centavos.

Pela leitura dos jornais em causa, concluímos que a organização dos conteúdos e o estilo de escrita se distanciam muito dos jornais da actualidade,

saltando à vista, numa primeira leitura o carácter menos informativo e mais opinativo dos textos que então se publicavam.

Que assuntos estavam na ordem do dia?

Sobre o país, o jornal “A Nossa Terra” critica, na sua primeira edição, o centralismo político e ao governo da capital apelando à descentralização do poder e à união das forças locais.

Na 1ª edição “Notícias do sul” faz-se referência à greve nacional do telegrafo-postal e repercussões no posto de Vila Real de Santo António.

No que respeita ao concelho ambos escrevem sobre a preocupação com o desenvolvimento da cidade e com a sua arborização e embelezamento. No “Notícias do Sul”, a notícia foca-se concretamente na construção do Hotel Guadiana (inaugurado 2 anos mais tarde, a 21 de Março de 1926), no edifício do Banco Nacional Ultramarino e na esperança de um casino (com restaurante, divertimentos ao ar livre, etc...)

É ainda notícia o desejo de um novo porto na sequência da Lei de criação da Junta Autónoma do Porto de VRSA, instituição descentralizadora (lei publicada a 22 de Dezembro de 1923) cuja as obras para a construção do cais do Porto, só se iniciaram 4 anos mais tarde, em 1928, empreitada realizada pelo português Engenheiro Teixeira Duarte.



Avenida da República (Antiga avenida D. Amélia) com a construção do Hotel Guadiana

No nº1 do jornal “A Nossa Terra” denota-se igualmente a preocupação com a valorização do embelezamento de VRSA com arborização e uma clara crítica à política autárquica por não apostar nos espaços verdes da cidade.

Já sobre a participação pública, o empresário Sebastião Ramirez escreve um artigo de opinião a propósito da crise da in-

dustria portuguesa e as suas consequências no desenvolvimento do país onde faz uma análise do conformismo português apelando à participação cívica por parte dos cidadãos, em particular, aos de Vila Real



Obras no porto de Vila Real de Santo António

de Santo António. “Paralelamente à crise financeira e económica, atravessamos uma outra, mais grave talvez, mais perniciosa com certeza—a crise da consciência. (...) Temos, porém,, todos nós que fazer , primeiramente, exame de consciência, e, reconhecemos, então, que esses males, sahindo dos políticos, é certo, partiram de todos nós, que com a nossa criminosa transigência, com o nosso indefensável egoísmo, consentimos sem protesto, que a incompetência, em sólida união com a impecilidade, comprassem livremente , pondo e dispondo ao seu bel-prazer dos Destinos do nosso Paiz.”

Contrariando o conformismo e falta de participação pública, no mesmo número deste periódico, é notícia “a generosa dádiva do Sr. Parodi” onde se faz referência e se parabeniza o industrial Mário Paródi pelo acto filantropo de ter doado dinheiro para a recuperação do hospital de Vila Real de Santo António que “(...) se vinha definhando e já era classificado como “terra de ninguém” ou “blague de hospital” (Correia:2023)

Para além da política e desenvolvimento local, os jornais tinham uma forte componente cultural, sendo que uma parte importante dos mesmos eram dedicados ao teatro, literatura e cinema.

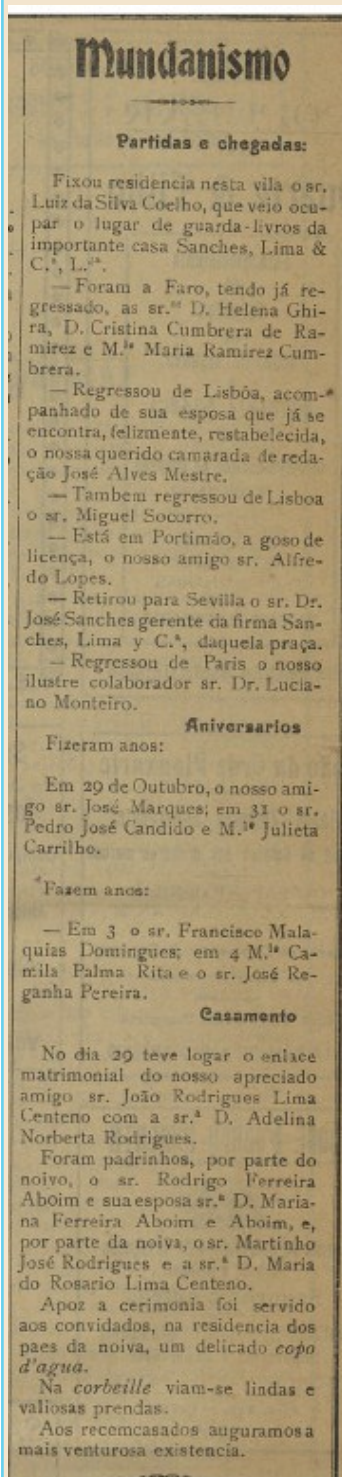
Da leitura destes primeiros números, fica claro que o Teatro Alexandre Herculano, entretanto desaparecido, era um marco cultural fundamental da sociedade vilarealense. Nestes periódicos eram noticiadas as peças, os grupos de teatro e os atores que actuavam nesta sala de espectáculos evidenciando a sua intensa actividade. Havia ainda artigos de opinião com críticas às peças e até sobre o comportamento da assistência que frequentava o teatro.” nós bem sabemos que os fados, os pas-de-quate, as valsas são sempre as mesmas, para...variar as que o público já trautêa de cor e salteado. E a que nos resignamos, mas esses números são sempre preferíveis do que essas variações de asso-



bio e fundo de cadeira perfeitamente dispensáveis porque além de uma manifesta grosseria incomodam sobremaneira o resto dos espectadores, principalmente as senhoras”. (jornal “Notícias do Sul”, nº1)

Na área cultural, a poesia tinha também lugar nos periódicos de há 100 anos com a publicação de poemas de Armando de Miranda e Cândido Guerreiro, entre outros.

O desporto, e em particular o *foot-ball*, assumia também grande destaque nos jornais da altura, acompanhando sempre a recente equipa do Luzitano Futebol Club (Clube fundado a 15 de Abril de 1916). Para além de notícias sobre jogos com outras equipas regionais, nacionais e estrangeiras, existem ainda artigos de opinião sobre este desporto que ia cada vez ganhando mais adeptos.



Os jornais locais e regionais desta época incluíam rúbricas dedicadas às “crónicas mundanas”, “Mundanismos” ou “Ecos da sociedade”, que não eram mais do que notícias sobre as classes sociais mais abastadas das localidades, nomeadamente, as partidas e chegadas de pessoas ilustres da sociedade vilarealense, viagens, noivados, casamentos, nascimentos, aniversários, notícias sobre pessoas enfermas e sobre o seu estado de saúde e falecimentos.

Estes são alguns dos assuntos que encontramos numa leitura destes periódicos e que nos pareceram mais relevantes fazer referência.

É ainda importante referir o grande destaque que os anúncios publicitários ocupavam nestes jornais e que eram os grandes responsáveis pela sua sobrevivência.

Jorge Pedro e Helena Lima, no seu artigo História do jornalismo em Portugal: proposta de periodização, referem precisamente esta questão. “A *captação de anúncios publicitários torna-se a principal fonte de receitas dos jornais, em detrimento das vendas em banca e das assinaturas. A publicação de anúncios é estimulada pelas tiragens crescentes e estas devem-se à introdução das rotativas e ao baixo preço por exemplar. O preço baixo dos periódicos possibilita a cada vez mais indivíduos comprarem diariamente um jornal.*”

Hoje, passado um século, os jornais regionais continuam a ser fundamentais para dar a conhecer as notícias a nível regional, sobretudo cada vez mais lidos na sua versão digital.

Fontes bibliográficas:

Censo da população de Portugal (Dezembro de 1920)

CORREIA, A.H (2023), Memórias & Documentos—Volume VI Notícias de Vila Real de Santo António (1922-1923), Ed. Arandis.

PEDRO, J. e LIMA, H. (2020), “História do jornalismo em Portugal: proposta de Periodização” in Revista Brasileira da História da Mídia, São Paulo.

SOUSA, J. (2008) Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974, Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo.

Hemeroteca Digital do Algarve (<https://www.ualg.pt/hemeroteca-digital-do-algarve>)

Arqueologia e História



Tomilho nº6: Caixa arqueológica

Tomilho nº7: A caça na pré-história a partir das pontas de seta identificadas no túmulo megalítico de Santa Rita

Tomilho nº8: Cântaro do Largo da Fortaleza – Cacela Velha

Tomilho nº9: O pão no al-Andalus

Tomilho nº10: Os astros e o ciclo agrário

Tomilho nº11: O degredo em Castro Marim

Tomilho nº12: O “Pão por Deus” e as outras tradições ligadas ao ciclo dos Mortos

Placas de xisto – Um enigmático testemunho do culto dos mortos na pré-história

Tomilho nº13: Aromas e perfumes do Al-Andalus

Tomilho nº14: Jogos de tabuleiro

Tomilho nº15: Pescadores e mariscadores em Cacela

Tomilho nº16: Deitar as sortes na Noite de São João

Tomilho nº17: Primeiros resultados da campanha arqueológica de Cacela Velha

Tomilho nº18: O que nos contam os “cacos” encontrados em Cacela Velha?

O azeite e a iluminação ao longo dos tempos

Tomilho nº19: Três exemplos de plantas tintureiras no Al-Andalus

Tomilho nº20: Curiosidades à volta do pastoreio

Tomilho nº21: As Maias – Origens remotas de uma tradição

Tomilho nº22: Cerro dos Barros, Memórias e histórias de um lugar especial na envolvente de Santa Rita

Tomilho nº23: Primeiros resultados das escavações arqueológicas de 2019 em Cacela Velha

Tomilho nº24: Talego e os seus usos ao longo da história

Tomilho nº25: Repertório de formas de cerâmica islâmica de Cacela Velha

Tomilho nº26: Brinquedos populares e brincadeiras na antiguidade – Egípcio antigo, Grécia e Roma

Tomilho nº27: A Pandemia de 1918-1919

Tomilho nº28: As eiras e os seus usos

Tomilho nº29: Antiga vila de Cacela Velha, transformações no espaço público, habitações e população entre finais do séc.XIX e meados do XX

Tomilho nº30: Moinho de água na ribeira do Rio Seco. Os moinhos de água na economia rural algarvia. O caso de Cacela

Tomilho nº31: Fornos de pão. Evolução, características e usos no Algarve rural

Tomilho nº32: Materiais em metal recolhidos nas escavações arqueológicas de Cacela Velha

Almocreves e venda ambulante no Algarve

Tomilho nº33: 21 anos dedicados à arqueologia

Antigas tradições e crenças ligadas à gravidez, parto e pós-parto

Tomilho nº34: Vestígios romanos na Quinta da Manta Rota

Tomilho nº38: Escavações arqueológicas na Fortaleza de Cacela Velha
Origens remotas das tradições pascais

Tomilho nº41: Fábrica de cerâmica do sítio da Fábrica

Tomilho nº42: Primeiros resultados das escavações arqueológicas de 2022 em Cacela Velha

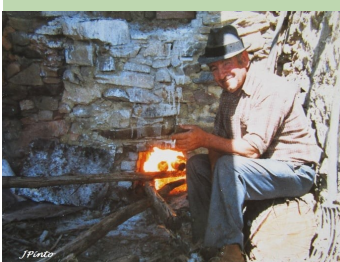
Cemitérios de Cacela Velha - Quando os mortos falam com os vivos e vice-versa

Tomilho nº44: Conservação e restauro – Cerâmica arqueológica: Recipiente de armazenamento e transporte de água – Cântaro

Tomilho nº48: As origens do sapato. Pré-história, antigo Egípcio e Antiguidade Clássica



Memórias e saberes **Fotografias antigas**



- Tomilho nº1: Memórias do Poço Antigo
- Tomilho nº2: Memórias do Dia de Santa Maria
- Tomilho nº3: Curas de Santa Rita, Raquel Batista
- Tomilho nº4: S. João da Degola
- Tomilho nº5: Olaria de Santa Rita,
- Tomilho nº6: Matança do porco, Raquel Batista
- Tomilho nº7: Carnaval, Luísa Pereira
- Tomilho nº8: Poço do Estanque Velho, Raquel Batista
- Tomilho nº9: Dia da Espiga, Raquel Batista
- Tomilho nº10: Memórias da vida no campo, Rogéria Pedro
- Tomilho nº11: Fins-de-tarde de Verão na aldeia de Santa Rita, Fátima Afonso
- Tomilho nº12: Época agrícola da apanha, Ana Maria Afonso
- Tomilho nº13: “Fazer a folha”, Raquel Batista
- Tomilho nº14: Rita Maria, apontamentos de uma história de vida, Joaquim Miguel
- Tomilho nº15: Mário Assunção, Mariscador e endireita, Mário Assunção
- Tomilho nº16: Mestre Manuel José Batista, o barbeiro de Santa Rita, Raquel Batista
- Tomilho nº17: Recordações do mestre Edolino Gonçalves, Edolino Gonçalves
- Tomilho nº18: Recordações dos irmãos Valente, Irmãos Valente
- Tomilho nº19: Maria Raquel Batista, costureira de Santa Rita
- Tomilho nº20: Memória de dois pastores de Santa Rita, Mestre Xico e Mestre António Miguel
- Tomilho nº21: Maria de Fátima Rodrigues, memórias de uma Maia
- Tomilho nº22: Memórias de João Andorinha, pescador e calafate
- Tomilho nº23: A Escola de Santa Rita – Histórias, memórias e vivências, comunidade local
- Tomilho nº24: Recordações de José Luís Mangas
- Tomilho nº25: Memórias da Quinta de Cima

- Tomilho nº26: Memórias de infância passada no jardim de Vila Real de Santo António
- Tomilho nº27: Festas e convívios, memórias de outros tempos
- Tomilho nº28: Memórias da eira da Nora
- Tomilho nº29: Jazigo e história de José Gil Cardeira
- Tomilho nº30: Moleiros da família Fernandes Neto
- Tomilho nº31: A arte de fazer pão. Uma homenagem às mulheres de Santa Rita
- Tomilho nº32: Memórias da venda ambulante
- Tomilho nº33: O culto de Nossa Senhora e de Santa Rita a partir dos painéis de azulejos nas ruas da aldeia
- Maternidade, memórias de Santa Rita
- Tomilho nº34: Memórias da Quinta da Manta Rota
- Tomilho nº35: António Brito, O último mestre caleiro de Santa Rita
- A cal na arquitectura popular algarvia. Dos fornos às paredes das casas
- Tomilho nº36: As tabernas e vendas em Santa Rita
- Almerinda e Agripina Mártires, mãe e filha
- Tomilho nº37: Matança e chouriças
- Tomilho nº38: Os terços da quaresma
- Tomilho nº39: Os enxovais de antigamente
- Antigas tradições e crenças ligadas ao casamento
- Tomilho nº40: Alguma notas para a história do Casino da Manta Rota
- Tomilho nº43: Quem foi João da Venda?
- Apontamentos para a história de uma unidade produtiva de Cacela
- Tomilho nº44: Memória do Monte Tamissa
- Tomilho nº45: “Uma no cravo, outra na ferradura”. Memória dos últimos ferradores de Cacela
- Tomilho nº46: História de 2 caiadeiras
- Tomilho nº47: As feiras anuais – memórias da feira de Santa Teresa
- Tomilho nº48: Profissão: Sapateiro. A história de um sapateiro cacelense.
- Tomilho nº49: Os bailes de Cacela e a Sociedade Recreativa Cacelense
- Tomilho nº50: A imprensa local há 100 anos atrás

Objectos com História



Tomilho nº8: Carro de Água, D. Odete Nascimento

Tomilho nº9: Pá, Rodo e Tuca, D. Conceição Afonso

Tomilho nº10: Carro, Sr. António Rodrigues Afonso (Sr. António Miguel)

Tomilho nº11: Cadeirinha de tabua, D. Suzel Brito

Tomilho nº12: Balanças de vara e decimal, D. Maria José Gil

Tomilho nº13: Bolsas ou talegos, D. Conceição Afonso

Tomilho nº14: Mó manual, D. Raquel Batista

Tomilho nº15: Palangre, Mestre Mário Matos

Tomilho nº16: mala do barbeiro, Mestre Manuel José Batista

Tomilho nº17: Cântaro islâmico, objecto arqueológico

Tomilho nº18: Lagar de azeite caseiro, D. Zezinha Gil

Tomilho nº19: Ferro de engomar a brasas, D. Raquel Batista

Tomilho nº20: Colher de pastor, Maria José Rosa Conceição

Tomilho nº21: Cesta de almoço, Maria Odete Nascimento

Tomilho nº22: Agulhas de pesca, memórias de Josefa Monteiro

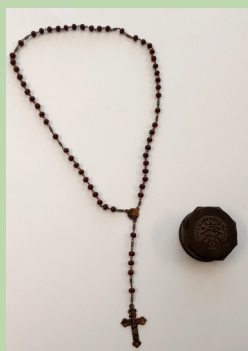
Tomilho nº23: Jornal escolar Santa Rita, Maria Emília Fernandes

Tomilho nº24: Talego, Maria Prosper Silva

Tomilho nº26: Boneca de trapos, Maria Teresa Campinas

Tomilho nº30: Objecto do rodízio, Maria Liseta Neto

Tomilho nº31: Chapéu de 3 pancadas ou 3 bicos, João Sol



Tomilho nº33: Defumador, Maria José Gil

Tomilho nº34: Ânforas romanas encontradas no mar ao largo de Cace-la Velha

Tomilho nº35: Conjunto de objectos para produção de vassouras para caiar: maceta, ripador e malho

Tomilho nº36: Balança da Mercearia de Suzel Bento

Tomilho nº37: Funil para encher chouriças (Maria da Conceição Afonso)

Tomilho nº38: Terço (Arlete Gonçalves)

Tomilho nº39: Mostruário e caderno de amostras de costura e bordados

Tomilho nº40: Garrafão empalhado e púcaro de esmalte (Cândida e Romano Justo)

Tomilho nº41: Jarras e jarrinhas de Cace-la Velha

Tomilho nº42: Candeeiro de azeite ou candeia dos defuntos (maria Emília fernandes)

Tomilho nº43: Poema com História – O fumeiro do figo seco (maria Teresa)

Tomilho nº44: Leiteira (Maria João Tamissa)

Tomilho nº45: Livro de registos do ferrador (Maria João Tamissa/José carlos barros)

Tomilho nº46: Vassouro de caiar (Maira Celeste Nunes)

Tomilho nº47: Máquina Fotográfica (Maria Raquel Batista)

Tomilho nº48: Mesa de sapateiro (Maria de Fátima Francisco)

Tomilho nº49: Covo para captura de polvo (Felizardo Chagas)



Griséus com ovos

receita de Maria Suzel Brito

Griséus é o nome que os algarvios dão às ervilhas.

Nas hortas, a par das favas, são os produtos temporões, ou seja, os primeiros a iniciar um novo ciclo, marcando a transição entre os comeres de Inverno e os da Primavera.

É pois com gosto que os algarvios cozinham nesta altura os griséus, na maior parte das vezes, com os ovos que começam também a abundar na capoeira.

Antigamente, aproveitavam-se também as cascas tenras dos griséus, que se comiam salteadas com alho, coentros e/ou hortelã.

INGREDIENTES

- Ervilhas
- Ovos
- Toucinho
- Chouriço ou linguiça
- Cebola
- Coentros
- Azeite
- Sal



Preparação

- Numa panela frite pedaços de toucinho em azeite acrescentando depois a cebola cortada.
- Quando a cebola estiver refogada, acrescente as ervilhas, chouriço ou linguiça em pedaços e coentros terminando com água.
- Deixe cozinhar as ervilhas e tempere com sal.
- Quando as ervilhas estiverem cozidas, parta os ovos e junte ao preparado.
- Quando os ovos estiverem escalfados, as ervilhas estão prontas.

Bom apetite!

A acontecer...

Exposição

As mulheres são muitas vezes a coluna vertebral menos visível de uma família ou comunidade. (Maria Lamas, *As mulheres do meu país*)

Mulheres da minha Aldeia

▷ SANTA RITA ◁

Esta exposição é uma homenagem às mulheres da nossa aldeia. Oito mulheres de Santa Rita, com mais de 75 anos, partilharam as suas histórias de vida ligadas à família, ao trabalho e à comunidade. Histórias, muitas vezes invisíveis e silenciosas, que remetem para a condição da mulher na região do Algarve, em espaço rural. Nas suas palavras, nas histórias que contaram, ecoam memórias, desafios, tarefas, gestos que pertencem à narrativa da nossa história colectiva.

Oito mulheres que nasceram, quase todas, em casa no seio de famílias mais ou menos numerosas. Descendentes de trabalhadores agrícolas, cuidadores de gado, moleiros, barbeiros, oleiros, costureiras...

Iniciaram-se com as mães e avós nas lides domésticas em tarefas como cuidar de irmãos ou primos mais novos, cozinhar, lavar roupa, coser, fazer renda, amassar pão, fazer empreita. Perpetuaram uma longa cadeia de gestos aprendidos e repetidos pelas mulheres do nosso país.



Câmara Municipal de Vila Real de Santo António
Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela
Tel. 281 952600 | Email: ctipcacela@gmail.com

Andaram à escola, mas só algumas completaram a 4ª classe em crianças. Outras vieram-no a fazer já em adultas. Algumas aspiravam continuar a estudar, mas as distâncias ou as vontades dos pais, deixaram sonhos por concretizar.

Tiveram de se iniciar cedo no trabalho para ajudar a família. A guardar gado, nas colheitas dos frutos de sequeiro (figo, alfarroba, amêndoa, azeitona), na sementeira e colheita do tomate, já mais tarde na ceifa ou no fumeiro do figo seco. Outras “as mais em fino” foram para a costura, começando por aprender com as mestras e depois a trabalhar sozinhas, para a família ou para fora, como actividade profissional.

Nos tempos livres, para além das celebrações religiosas e festivas (o terço na Quaresma, o São João, as curas de Santa Rita,...), recordam-se de ir às feiras e mercados, lugares de trocas de produtos e de encontro social. Mas os bailes, que se realizavam em vários lugares da freguesia, eram sem dúvida os momentos por que mais aguardavam as moças casadoiras. Foi nos bailes, para os quais se vestiam com esmero, que a maior parte conheceu os seus futuros maridos. Os namoros faziam-se em casa, sob vigilância materna, ou na soleira. Mas eram os bailes que permitiam uma maior aproximação dos enamorados. Alguns namoros foram interrompidos pela chamada dos noivos para a guerra do ultramar.

Depois de casadas, algumas viram os seus maridos partir para tentar a sorte no estrangeiro, e aqui permaneceram como pilares da família, assegurando as lides domésticas, a educação dos filhos, o sustento da casa. Trabalharam fora, na agricultura, no gado, na costura, como operárias no fumeiro da freguesia, na venda de lenha, atrás de um balcão num café e mercearia ou, mais tarde, cozinhando em restaurantes ou fazendo limpezas em hotéis ou casas para alugar a turistas. A carta de condução, tirada por algumas, é valorizada como sinal de independência.

As excursões pelo país constituíam momentos raros de fuga do quotidiano de trabalho, de convívio e divertimento.

Ao longo da vida revelaram toda grande determinação, resistência ao trabalho e ao sofrimento, capacidade de ultrapassar períodos de carência e privação. Em determinados momentos chegaram a contribuir mais para os orçamentos familiares que os seus maridos.

Deixaram certamente aspirações e desejos por concretizar, viveram vidas duras, mas recordam com saudade momentos felizes da mocidade, o crescimento da família e a vida na aldeia pautada por amizades, solidariedade e convívio entre os habitantes.

Hoje, com mais de três quartos de século, a maior parte já viúvas, continuam activas, a ser o pilar das suas famílias, apoiando filhos e netos. Trabalham ainda na costura, a cultivar a horta, a cuidar de animais ou atrás de um balcão. Não há o descanso da reforma para estas mulheres.

Maria Lamas (1893–1983) e a sua obra “Mulheres do meu país”, publicada entre 1948 e 1950, foram presença inspiradora quando nos propusemos conhecer e contar as histórias das mulheres da nossa aldeia. Escritora e jornalista percorreu, há cerca de 75 anos, o país de norte a sul, com o intuito de retratar as mulheres portuguesas, os seus quotidianos em casa, a luta pelo sustento da família, as muitas tarefas a que se dedicavam, as suas aspirações,... A obra é um documento vivo de como viviam as mulheres de então.

Sobre as mulheres algarvias, registou a vivacidade, o seu conversar desembaraçado, o carácter aguerrido. “No fundo, porém, quando se referem à sua luta e sofrimento, revelam-se iguais a todas as outras mulheres cuja vida se passa em canseiras e dores.” (Maria Lamas, *As mulheres do meu país*)

Passou por Santa Rita algures no final dos anos 40 do séc. XX e deixou-se impressionar por este “lugar distante, na serra” onde “existe uma pequena igreja junto da qual se reúnem, em Maio, numerosas pessoas, que ali vão procurar a cura do escrofuloso e da surdez.” (Maria Lamas, *As mulheres do meu país*)

As mulheres que aqui encontrou foram as avós e mães das mulheres da aldeia de Santa Rita que têm hoje mais de 75 anos. O que mudou desde então nas vidas das mulheres da nossa aldeia?

VAI ACONTECER...

EXPOSIÇÕES

“MULHERES DA MINHA ALDEIA, SANTA RITA. Vidas com três quartos de século”
CIIPC /CMVRS

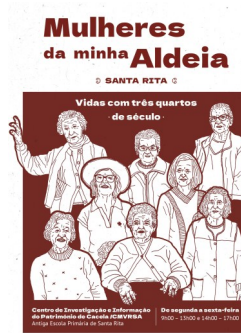
Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00

Inaugura no dia 8 Março pelas 16h30



OFICINAS (sujeitas a inscrição prévia)

FOLARES DA PÁSCOA

Com Nélia Pedro

CIIPC/CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Domingo, 17 Março

10h00 às 13h00

Para público em geral e famílias

Valor - 7 € - pessoa (a reverter para o orientador)



CARTAZES DE ABRIL E DE AGORA

Com o artista plástico Álvaro Miguel

Martinho

CIIPC/CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Domingo, 14 Abril

15h00 às 18h00

Para público em geral e famílias

Valor - 5€ - pessoa / 8 € - adulto + criança

(a reverter para o orientador)



PASSOS CONTADOS - PASSEIOS PEDESTRES DE

INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM (sujeito a inscrição prévia)

PLANTAS E PÁSSAROS DO ALGARVE INTERIOR

Com o professor e fotógrafo José Filipe

Domingo, 7 Abril

Ponto de encontro: 9h30 em Santa Rita

ORIGENS E EVOLUÇÃO DA MATA NACIONAL DE VILA

REAL DE SANTO ANTÓNIO

Com Engenheiro Paulo Silva e as Engenheiras Alexandra Silva e Alexandra Amorim

Domingo, 12 Maio

Ponto de encontro: 9h30 em Vila Real de Santo António (Farol)

Valor de inscrição - 5€ (a reverter para o orientador)

MERCADINHO DE PRIMAVERA

CACELA VELHA

Domingo, 24 Março

Das 10h30 às 17h30

Artesanato tradicional e contemporâneo / Produtos alimentares regionais / Flores e ervas aromáticas / Cremes e sabonetes naturais / Livros / Velharias e antiguidades / Artigos em segunda mão/ Música



A MULHER NOS PROVÉRBIOS ANTIGOS

A casa sem mulher é corpo sem alma.

Atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher.

Homem reina, mulher governa.

Mulher arrenegada é pior que víbora assanhada.

*Cabe ao marido a prudência;
cabe à mulher, a paciência.*

*Mulheres, onde estão, sobejam;
onde não estão, faltam.*

*Mulher, como o vento e ventura,
depressa muda.*

*Mulher assobiadeira ou é bruxa
ou feiticeira.*



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António /

Divisão de Cultura e Educação/
Subdivisão de Cultura e Património

Coordenação e redacção:

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

Colaboração:

Ana Cristina Martins, Carlos Mota de Oliveira, João Sol, José Carlos Barros, Maria Suzel Bento, Maria Suzel Brito, Teresa Patrício.

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACELA